

NOVAS BIBLIOTECAS, NOVOS CONCEITOS.

Filomena Baganha - *Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UFP*
Pós-Graduada em Ciências da Informação e da Documentação

ABSTRACT

The theme of this article is the evolution of the concept of library. It briefly refers to the work carried out in a traditional library, and the repercussions of the new technologies on all types of documents, on the means of accessing them, on the library users, and on the changes in the librarian's professional culture.

RESUMO

Este artigo aborda a temática da evolução do conceito de biblioteca, fazendo uma breve referência ao trabalho que se desenvolve numa biblioteca tradicional e às repercussões que as novas tecnologias têm sobre os novos tipos de documentos, sobre a forma de se lhes aceder, sobre os utilizadores das bibliotecas e sobre as alterações na cultura profissional do bibliotecário.

Existem muitos tipos de bibliotecas, com públicos bem distintos – bibliotecas em áreas de investigação de ponta, bibliotecas eruditas, bibliotecas escolares, bibliotecas universitárias, bibliotecas públicas e tantas outras¹ – mas em todas elas há sempre um aspecto comum: a biblioteca reúne e organiza colecções de documentos (que podem ter diferentes suportes) com vista a uma posterior divulgação e disponibilização.

Contudo, a velha concepção de biblioteca sombria, poeirenta, silenciosa e quase lúgubre, fechada sobre si mesma, sobrepondo o papel de “depósito do saber” a todas as outras funções, onde o ambiente hostil e frio afasta mais do que cativa, faz já parte do passado.

Conservar foi, durante séculos, o principal objectivo das bibliotecas, desde os tempos em que nos mosteiros, mãos pacientes copiavam e recopiavam documentos que trouxeram até nós a memória Humana.

Com o decorrer do tempo, o conceito de biblioteca tem vindo a sofrer grandes alterações, nomeadamente no que diz respeito às bibliotecas públicas². De local fechado sobre si mesmo, de depósito do saber, onde a presença do leitor era quase considerada como uma profanação, a biblioteca abre-se ao mundo, entrega-se aos seus utilizadores e procura responder à necessidade de encontrar um espaço dinâmico onde se conjugue *informação e cultura*³.

O actual modelo de concepção de bibliotecas, inspirado nas bibliotecas dos países nórdicos, procura ser aquilo a que se chama um “open space”, um local aprazível onde os documentos são agrupados pelo seu valor, pelo seu conteúdo, pelo critério da informação e não pelo seu suporte físico.

A biblioteca pública moderna surge também como um espaço destinado a várias actividades culturais: exposições, teatro, cinema, acções de formação, conferências, por exemplo⁴. O objectivo final é sempre facilitar o acesso à informação, promover o gosto pela leitura e pela cultura e fazê-lo da forma mais agradável, cativando, seduzindo, atraindo o utilizador.

Cumprindo uma das suas missões, a biblioteca adquire obras, prepara catálogos e organiza as estantes para tornar acessíveis ao seu público os documentos de que dispõe⁵. Desde o momento em que uma obra seleccionada é adquirida e entra pela primeira vez na biblioteca, até ao momento em que é definitivamente arrumada nas estantes e posta à disposição do leitor, decorrem várias operações. A este conjunto de operações chama-se

normalmente a *cadeia documental*⁶. Desde a descrição física da obra até à descrição do seu conteúdo, todas as pontes são lançadas para que o utilizador possa aceder-lhe o mais rápida e inequivocamente possível.

A atribuição dos pontos de acesso desempenha um papel-chave na posterior recuperação do documento. Eles podem ser de dois tipos: autores pessoais, corporativos ou títulos, e assuntos. É neste segundo tipo que entra o conceito de *indexação* que não tem já a ver com a descrição física do documento, tem a ver sim, com a análise do seu conteúdo (e a sua descrição intelectual)⁷.

O objectivo da indexação é a representação do conteúdo dos documentos para fins de classificação ou de procura desses mesmos documentos⁸. Assim, podemos dizer que a indexação é a transposição da informação apresentada em linguagem natural numa linguagem controlada e que trata de destacar os conceitos do documento exprimindo-os de uma forma sucinta com a ajuda de termos de uma linguagem escolhida: *palavras-chave*, *descritores* ou *índices* de uma classificação. Na indexação podem utilizar-se várias linguagens documentais, que não são mais do que sistemas de sinais destinados à expressão do pensamento e à comunicação. Existem linguagens documentais de estrutura hierárquica ou arborescente (representadas pelas classificações) e de estrutura combinatória (léxicos documentais e thesaurus)⁹.

As linguagens de estrutura combinatória surgem muito mais tarde do que as de estrutura hierárquica e o seu aparecimento deve-se às dificuldades cada vez maiores encontradas na utilização das classificações, devido ao desenvolvimento rápido das tecnologias e das ciências e ao seu cada vez maior imbricamento. Neste tipo de linguagem a indexação faz-se ao nível da cada conceito elementar, sendo cada um destes conceitos expresso por uma palavra-chave, ou *descriptor*. Este método tem a vantagem de limitar muito mais o “ruído”¹⁰. A esta noção de “ruído” opõe-se a de “pertinência” – sendo esta a percentagem de documentos encontrados aquando das operações de selecção e que respondem à questão do interrogador relativamente ao número total de documentos encontrados. O termo escolhido para caracterizar o conteúdo de um documento deve, portanto, ser aquele que é mais *pertinente*, já que a indexação tem sempre como objectivo final o melhor e mais exaustivo acesso à informação¹¹.

Finalizando a cadeia documental ocorrem as operações de montagem e de organização do espaço: colocação da cota (que permite localizar a obra nas estantes) e por último a arrumação.

Nos dias de hoje, à criação de uma biblioteca, bem como a todas as operações que aí se realizam, está sempre subjacente o mesmo objectivo principal: a satisfação do seu público. Não importa que ele leia, veja, escute ou “navegue”- o que é realmente importante é que a informação chegue até ele da maneira mais eficaz, mais rápida e sobretudo, mais completa; que a sua curiosidade ou a sua sede de saber sejam satisfeitas; que a sua necessidade de actualização encontre sempre resposta; e que tudo isto seja feito com prazer. De profanador do seu espaço, o público transforma-se agora na primeira razão de ser da biblioteca. A biblioteca torna-se o cenário de um fluxo constante de informação, em que os livros fazem sentido pela sua utilização, pelo seu empréstimo, pelo próprio desgaste físico que sofrem¹².

Falámos até agora das bibliotecas tradicionais, isto é, com um espaço físico organizado, onde os seus utilizadores circulam ou se instalam. Mas que dizer das bibliotecas digitais, o mais recente conceito de biblioteca?

Há inúmeras definições do conceito de «biblioteca digital». Contudo, poderemos dizer que uma biblioteca digital é um serviço de informação virtual de acesso global porque disponível numa rede informática ligada a múltiplas outras (World Wide Web)¹³.

Com o aparecimento dos recursos electrónicos de representação e de transmissão da informação, a história da comunicação acelerou-se ao longo dos últimos 40 anos. Números, imagens, textos, som, tudo pode ser representado em formato electrónico.

Paralelamente, o desenvolvimento tecnológico conduz a uma progressiva aceleração na procura da informação por parte do público. Em determinadas áreas (nomeadamente científicas e tecnológicas) a explosão documental é de tal maneira grande que se torna imperiosa uma permanente actualização, só possível pelo acesso remoto aos documentos.

O mais profundo desenvolvimento tecnológico – a ligação de computador a computador numa infindável cadeia à volta do mundo – veio alterar o conceito fundamental da biblioteca no século XXI, mais concretamente ao estabelecer a ligação directa das pessoas à informação.

Com o crescimento exponencial da informação digital, dos documentos electrónicos, as bibliotecas tradicionais estão a integrar gradualmente bibliotecas digitais e os bibliotecários vêem-se, agora, confrontados com um sem número de alterações e com um grande desafio – as mudanças a nível do acesso e da disponibilidade da informação¹⁴.

Por outro lado, o tipo de utilizador dos serviços de informação está a mudar (sobretudo nas bibliotecas universitárias). O actual utilizador do ensino superior está habituado a utilizar os computadores e a aceder à Internet, embora possa desconhecer os operadores de pesquisa a utilizar em bases de dados bibliográficos. Ele pretende, sobretudo, obter toda a informação relevante sobre um determinado assunto e aceder-lhe o mais rapidamente possível, onde quer que ela se encontre.

Este quadro conjuntural obrigou a repensar os serviços que são disponibilizados e a forma como são disponibilizados.

As bibliotecas digitais, trazem uma mais valia significativa no que respeita ao acesso imediato ao documento e a possíveis conexões com outros documentos similares ou correspondentes ao assunto seleccionado. O acesso imediato ao texto e a vários documentos em simultâneo, marca a grande diferença relativamente às bibliotecas tradicionais.

Num sentido mais abrangente, a função primeira de qualquer biblioteca é, como vimos atrás, organizar a sua colecção e estruturar os dados de forma a permitir o acesso aos documentos por parte dos utilizadores. No mundo das bibliotecas digitais, a orientação do utilizador é um problema fulcral, mais do que nas bibliotecas tradicionais, uma vez que o contacto com o bibliotecário se perde.

Com a transferência dos catálogos manuais para sistemas automatizados, a questão dos metadados está cada vez mais implícita, quer pela necessidade de normalização necessária para poder disponibilizar informaticamente a informação, quer pelo facto de se poder trocar essa mesma informação entre as várias entidades que a produzem. É evidente que a normalização é extremamente importante, sob pena de não se poder comunicar. Assim, a consistência na criação de metadados é fundamental para uma boa recuperação da informação (em sentido lato metadados significa dados sobre os dados, isto é, um conjunto de atributos ou elementos necessários para identificar cada documento de uma determinada colecção ou fundo de uma biblioteca).

Em Portugal, as questões normativas, no que respeita à descrição catalográfica dos documentos em sistemas automatizados, passam pela utilização do UNIMARC¹⁵.

Devido ao avanço da informática, das redes e das tecnologias para o armazenamento, como devem os bibliotecários assimilar e utilizar estas tecnologias?

A mudança na organização e na criação das bibliotecas, está também a desenvolver as facilidades do serviço facultado ao público, o que obriga os bibliotecários a adquirirem novos conhecimentos no que se refere a sistemas de informação em suporte electrónico, incluindo a habilidade para pesquisar na variada gama de bases de dados que se oferecem e para a resolução de problemas técnicos.

Quanto ao público, esse, também está a mudar, como vimos. Efectivamente (e sobretudo nas bibliotecas universitárias) ele pretende obter um máximo de informação acerca de um determinado assunto, no mais curto espaço de tempo, está habituado a utilizar os computadores e a aceder à Internet. No seu relativo desconhecimento dos operadores de pesquisa a utilizar em bases de dados bibliográficos ele poderá ser orientado pelo bibliotecário, que deverá manter-se em permanente actualização.

As bibliotecas estão assim a sofrer mudanças muito significativas devido não só à filosofia que subjaz actualmente à sua criação, mas também às novas tecnologias, aos novos tipos de documentos e à forma de se lhes aceder. O progresso tecnológico veio mudar a forma como as bibliotecas fazem o seu trabalho e como o apresentam. Os serviços das bibliotecas deixaram de ser apenas uma questão que envolve os saberes mais tradicionais na área da biblioteconomia: eles exigem agora novas abordagens e novas competências.

O mais moderno conceito de biblioteca e o modelo que melhor responde às necessidades actuais é o que faz a simbiose entre a biblioteca física e a digital. Por outras palavras: um espaço físico aprazível, que se abre ao mundo sem barreiras geográficas, onde o utilizador encontra sempre satisfeita a sua necessidade de saber, onde ele pode circular, ler e “navegar” livremente e onde a presença de um bibliotecário sempre actualizado, nos bastidores, se faz apenas sentir pela eficácia óbvia na qualidade dos serviços que presta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amat Noguera, N. (1985). *La Biblioteca. Tratado General Sobre su Organización, Técnicas y Utilización*. Barcelona, Scripta.
- Arms, W. Y. (2000). *Digital Libraries*. Cambridge, London, The MIT Press.
- Cabral, M. L. (1996). *Bibliotecas Acesso Sempre*. Lisboa, Colibri.
- Carrión Gútez, M. (1993). *Manual de Bibliotecas*. 2ª ed., Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Caravia, S. (1995). *La Biblioteca y su Organización*. Gijón, Ed. Trea.
- Clayton, M. (1991). *Gestión de Automatización de Bibliotecas*. Salamanca, Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid, Pirâmide.
- Domínguez Sanjurjo, M. R. (1996). *Nuevas Formas de Organización y Servicios en la Biblioteca Pública*. Gijón, Ed. Trea.
- Isaías, P. (1999). *Bibliotecas Digitais*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Prado, H. de A. (2000). *Organização e Administração de Bibliotecas*. 2ª ed. rev., São Paulo, T.A. Queiroz.
- Rebelo, C. A. (2002). *ADdifusão da Leitura Pública: as Bibliotecas Populares (1870-1910)*. Porto, Campo das Letras.
- Os Serviços da Biblioteca Pública: directrizes da IFLA/UNESCO 2001* (2003). Lisboa, Caminho.

- ¹ Caravia (1995) agrupa as bibliotecas em três tipos: bibliotecas gerais de investigação (onde inclui as bibliotecas nacionais, as universitárias e as parlamentares); bibliotecas especiais ou especializadas (de associações, profissionais, de empresas, etc.); e bibliotecas ao serviço do público em geral (onde integra as bibliotecas públicas, as escolares, as infantis, as hospitalares).
- ² Na obra *A difusão da leitura pública: as Bibliotecas Populares*, Rebelo (2002) traça o caminho percorrido pelo conceito de “leitura pública” desde o Antigo Regime até aos nossos dias. Nesse trabalho ele faz um interessante estudo dos factores que estão na génese das bibliotecas públicas e que contribuíram para a sua evolução.
- ³ As Directrizes da IFLA/UNESCO, publicadas em 2003, referem a função social da biblioteca pública que “(...) desempenha um papel importante como espaço público e de encontro (...). A biblioteca é por vezes apelidada de «a sala de estar da comunidade» [e] funciona como motor de desenvolvimento social e pessoal. [Ela] contribui para a criação e manutenção de uma sociedade bem informada e democrática e [deverá ser] livre de quaisquer riscos de censura, [devendo] os seus serviços serem acessíveis a todos.” (*Os serviços da Biblioteca Pública: directrizes da IFLA/UNESCO-2001*, 2003, pp. 26-27).
- ⁴ “Sempre que possível a biblioteca deve estar disponível para outras utilizações por parte da comunidade, tais como encontros e exposições e, em edifícios de maiores dimensões, actividades teatrais, musicais, audiovisuais e instalações multimédia. Uma biblioteca pública com um alto nível de utilização dará um contributo significativo para a vitalidade da zona urbana em que se insere e constituirá um importante centro social de encontro (...)” (ob. cit., pp.30-31).
- ⁵ “(...) Sem catálogos, qualquer biblioteca se reduz a um antro inexpugnável, o pior inimigo de si própria. Aos catálogos, fiáveis, claros e informativos, soma-se a organização do espaço onde os livros (as revistas, as cassetes, os discos) estão arrumados, onde os leitores circulam e onde os leitores lêem (ouvem ou vêem). Como no supermercado dos nossos dias, as estantes abertas segundo um encadeado lógico, despertam a curiosidade: ver o que chegou, pegar, folhear, saltar logo para o livro ao lado.” (Cabral, 1996, p.34).
- ⁶ Assim que o documento entra na biblioteca, procede-se ao seu registo de entrada (ou tombamento). Esta operação, de carácter patrimonial, tem como finalidade o inventário dos fundos documentais. Na era das novas tecnologias o registo faz-se informaticamente e de uma forma cada vez mais simplificada. Paralelamente, e quase em simultâneo procede-se à carimbagem das obras – esta também uma operação patrimonial. Em seguida o documento é catalogado. A catalogação tem duas fases: a primeira, que consiste na descrição bibliográfica da obra em questão e a segunda, que consiste no estabelecimento dos pontos de acesso – ou seja, na atribuição das entradas necessárias que permitam ordenar esse documento dentro de uma colecção para poder recuperá-lo dentro do catálogo.
- A descrição bibliográfica e o estabelecimento dos pontos de acesso são, por assim dizer, operações de sinal contrário; isto é, enquanto a primeira distingue, identifica e individualiza o documento, a segunda agrupa-o.
- ⁷ Enquanto a catalogação é uma operação quase mecânica, sem ambiguidades e objectiva, a indexação é um processo mental e subjectivo e consequentemente, do nosso ponto de vista, muito mais interessante. Como actualmente se coloca a informação em primeiro plano, ficando o aspecto formal do documento relegado para segundo, compreende-se facilmente quão mais importante é conhecer o seu conteúdo do que propriamente a sua descrição física.
- ⁸ A indexação está na origem do catálogo alfabético de matérias ou assuntos, que pretende responder à questão “Que documentos tratam de determinado assunto?”
- ⁹ As classificações são as mais antigas linguagens documentais utilizadas. Podemos citar como exemplos de linguagens deste tipo: a Classificação Decimal de Dewey (CDD), a Classificação da Biblioteca do Congresso (LCC) ou ainda, a mais conhecida entre nós, a Classificação Decimal Universal (CDU).
- ¹⁰ Entende-se por “ruído” a percentagem de documentos parasitas que não respondem à questão levantada, e seleccionados, aquando da pesquisa, em consequência de confusão de sentido quanto aos termos que caracterizam o conteúdo do documento.
- ¹¹ A indexação é sempre subjectiva: ela depende do indexador, da sua perspectiva pessoal, da sua bagagem cultural, do seu grau de especialização nas matérias tratadas e, em última análise, do fim a que se destina. O mesmo documento pode estar indexado correctamente de duas ou mais formas diferentes. Na indexação deverá sempre prevalecer o princípio básico do bom-senso.
- ¹² Pese embora o facto de os bibliotecários se debaterem, ainda que numa forma subconsciente, com o eterno dilema “preservar ou disponibilizar?”
- ¹³ Sobre a temática das Bibliotecas Digitais v. Arms (2000). Este autor aborda essa questão tanto sob o ponto de vista tecnológico, como sob o ponto de vista das organizações e do seu pessoal.
- ¹⁴ Arms (2000, p.85) chama a atenção para os problemas com que os bibliotecários têm de se debater actualmente: “Library directors are under pressure. (...) Conservative users demand that none of the conventional services be diminished; others users want every digital service immediately. (...) Adapting to technical change is more than a matter of retraining. Training is important, but it fails if it merely replaces one set of static skills with another. Libraries need people who are aware of the changes that are happening around them and who are inquisitive and open to new ideas.”
- ¹⁵ O UNIMARC é um formato legível por computador, compatível com as ISBD. É uma espécie de denominador comum para todos os intercâmbios bibliográficos.